

propósitos particulares, tais artefatos (sejam eles produtos, serviços, bens de consumo, sinais, sistemas ou interfaces) terão significados distintos daqueles projetados. Em outras palavras, o significado de um artefato muda de acordo com mudanças no usuário e no contexto de uso (Krippendorff, 2006).

Isto posto, devemos aceitar que uma teoria acerca da significação em situações de uso (interações) deve levar em conta esse *conhecimento de segunda ordem*, e, em última instância, analisar como os indivíduos são levados, por força do contexto de uso, a entenderem e utilizarem os artefatos. Portanto, uma abordagem semântica no design implica necessariamente uma mudança de foco, do design de artefatos materiais para o design de artefatos cujos níveis de significação possibilitam o surgimento de *interfaces desejáveis* (Krippendorff, 2006). Estudar os processos através dos quais os indivíduos entendem, compreendem e usam os artefatos, é fundamental não somente para essa, mas para qualquer abordagem projetual atenta à lógica complexa das interações.

Entender a extensão do humano nas interfaces é, portanto, o desafio desse conhecimento de segunda ordem, com o qual o design centrado no usuário deve estar comprometido, visto que os indivíduos não agem de forma mecânica a partir do que o artefato é fisicamente (ou mostra de si), mas a partir de uma articulação entre o que desejam atingir (da ordem da estratégia e da razão) e o que sentem (da ordem do afetivo e do emocional) (Krippendorff, 2006).

Em uma interface, os envolvidos encontram-se em uma particular coordenação sensorial e motora agindo tanto com foco em uma motivação extrínseca (e.g. um objetivo ou meta), quanto para sustentar uma intrínseca sequência de sensações motivadoras (e.g. uma experiência divertida ou agradável). Assim, o significado (aquilo que emerge como "valor" dentro da interação) tem a ver com possibilidades em termos de ação e percepção (Krippendorff, 2006). Deste modo, o significado de um artefato durante o uso deriva da articulação entre o leque de percepções e ações imagináveis com o resultado (exitosos ou não) destas ações.

(Krippendorff, 2006) No contexto de uso, os significados não são referenciais, conotativos ou associativos, mas sim situacionais. (Krippendorff, 2006)

A partir da exposição de tais noções, que buscou demonstrar o alinhamento da problemática da interação no design com aquela ligada a emergência do conceito de interação nos estudos sobre a significação, ocupamo-nos agora das possibilidades abertas pela semiótica das interações por tratar-se justamente de uma perspectiva de exploração do significado nas situações vividas pelos sujeitos, ou seja, do *sentido em ato*.

A abordagem semiótica das interações

Reconhecida como a teoria geral da significação, a semiótica é amplamente aplicada e discutida no domínio do design a partir de preocupações com a inteligibilidade dos produtos projetados. Contudo, a grande prevalência da corrente peirceana (ou americana) derivada de seu potencial abrangente e de seu modelo lógico, atrasou o descortinar das possibilidades projetivas, conceituais e metodológicas de outras correntes, como a greimasiana (ou francesa). Partindo deste domínio teórico, mais especificamente dos desenvolvimentos a respeito da noção de interação e sujeito, buscamos delinear uma abordagem semiótica dos objetos do design em contextos de uso.

A unidade de análise tradicionalmente consagrada pela semiótica greimasiana é o "texto". Por texto, a semiótica entende qualquer produto de linguagem, ou seja, qualquer artefato cultural (uma poesia, um conto, um discurso, etc...) produzido por um autor e que se possa caracterizar como todo de sentido. Contudo, a partir da influência da antropologia e da fenomenologia do pós-guerra, os semioticistas desta corrente expandem seus interesses em direção às práticas e situações sociais. Em outras palavras, para a "vida vivida". Neste recorte expandido, a semiótica passa dos textos aos contextos, ou seja, às circunstâncias da apreensão do sentido das coisas, que não podem ser tomado senão como o resultado da ação interpretativa de um sujeito.

A consequência mais imediata de tal perspectiva é a redefinição do papel dos sujeitos